CAPÍTULO 1

A primeira vez que o nosso pai trouxe Andrea à Casa Holandesa, Sandy, a nossa governanta, veio ao quarto da minha irmã e pediu-nos que descêssemos.

— O vosso pai tem uma pessoa amiga que quer que conheçam — disse.

— É um amigo do trabalho? — perguntou Maeve. Ela era mais velha e, por isso, tinha uma compreensão mais complexa da amizade.

Sandy considerou a pergunta:

— Eu diria que não. Onde está o teu irmão?

— No assento junto à janela — respondeu Maeve.

Sandy teve de afastar as cortinas para me encontrar.

— Porque fechas as cortinas?

Estava a ler.

— Por privacidade — disse, embora aos oito anos não tivesse qualquer noção do que era a privacidade. Gostava da palavra e da sensação de clausura que as cortinas davam quando estavam fechadas.

Quanto ao visitante, era um mistério. O nosso pai não tinha amigos, pelo menos não do tipo que fossem à nossa casa num fim de tarde de sábado. Saí do meu lugar secreto e fui até ao topo das escadas para me deitar no tapete que cobria o patamar. Sabia por experiência que, nessa posição, conseguia ver a sala de estar olhando por entre o poste e o primeiro balaústre. Ali estava o nosso pai diante da lareira com uma mulher e, pelo que percebi, estudavam os retratos do Sr. e da Sra. VanHoebeek. Levantei-me e voltei ao quarto da minha irmã para apresentar o meu relatório.

— É uma mulher — disse a Maeve. Sandy já o devia saber.

Sandy perguntou-me se eu lavara os dentes. Significava saber se o fizera naquela manhã. Ninguém lavava os dentes às quatro da tarde. Sandy tinha de fazer tudo sozinha porque Jocelyn folgava aos sábados. Ela teria acendido a lareira, aberto a porta e oferecido bebidas. Ainda por cima, era agora responsável pelos meus dentes. Sandy folgava às segundas-feiras. Também folgavam ambas aos domingos porque o meu pai achava que as pessoas não deviam trabalhar nesse dia.

— Lavei — respondi, porque provavelmente lavara.

— Lava-os de novo — ordenou. — E escova o cabelo.

A última parte foi dirigida à minha irmã, cujo cabelo era comprido e preto, e tão grosso como dez rabos-de-cavalo juntos. Por mais que o escovasse, nunca parecia penteado.

Assim que nos considerou apresentáveis, Maeve e eu descemos as escadas e ficámos sob o amplo arco do vestíbulo, observando o nosso pai e Andrea a contemplar os VanHoebeeks. Não nos viram, ou não deram sinal disso — era difícil de dizer. Portanto, esperámos. Maeve e eu sabíamos ficar em silêncio, um hábito nascido de tentarmos não irritar o nosso pai, ainda que se irritasse mais quando nos aproximávamos sorrateiramente dele. Envergava o fato azul, embora nunca usasse fato ao sábado. Pela primeira vez, vi que o seu cabelo começava a ficar grisalho atrás. De pé, ao lado de Andrea, parecia ainda mais alto.

— Deve ser um conforto tê-los contigo — disse-lhe Andrea, não sobre os filhos, mas acerca dos quadros. O Sr. e a Sra. VanHoebeek, cujos nomes próprios eu nunca ouvira, eram velhos nos retratos, mas não inteiramente antigos. Vestiam ambos de preto e perfilavam-se com uma formalidade ereta que indicava outro tempo. Mesmo em molduras separadas, estavam tão juntos, tão *casados*, que sempre pensei que aquelas deviam ter sido um quadro grande que alguém cortara ao meio. Andrea inclinou a cabeça para trás a fim de estudar os quatro olhos astutos que pareciam seguir um rapaz com desaprovação, não importava em qual dos sofás ele se decidisse sentar. Maeve, em silêncio, espetou um dedo entre as minhas costelas para me fazer gritar, mas contive-me. Ainda não tínhamos sido apresentados a Andrea, que, de costas, parecia pequena e elegante, no seu vestido com cinto e chapéu escuro do tamanho de um pires preso sobre uma madeixa de cabelo claro. Fora

educado por freiras, eu sabia que não devia constranger um convidado rindo-me. Andrea não tinha como saber que as pessoas nos quadros tinham vindo com a casa, que tudo ali viera com a casa.

Os VanHoebeeks da sala eram as estrelas do espetáculo, uma demonstração em tamanho real de pessoas gastas pelo tempo, com o rosto severo e antipático retratado segundo a exatidão holandesa, e uma compreensão distintamente holandesa da luz, mas havia dezenas de outros retratos menos importantes em cada andar — os filhos nos corredores, os antepassados nos quartos, as pessoas sem nome que eles admiravam espalhadas por toda a parte. Havia também um retrato de Maeve aos dez anos e, embora não fosse tão grande como as pinturas dos VanHoebeek, era igualmente bom. O meu pai mandara vir um artista famoso de Chicago. Segundo reza a história, ele deveria pintar a nossa mãe, mas ela, que não fora informada de que o pintor ia ficar em nossa casa durante duas semanas, recusou-se a posar e então ele pintou a Maeve. Quando o retrato ficou terminado e foi emoldurado, o meu pai pendurou-o na sala, frente aos VanHoebeeks. A Maeve gostava de dizer que fora ali que aprendera a encarar as pessoas.

— Danny — disse o meu pai quando se virou com ar de quem esperava que estivéssemos exatamente ali. — Vem dizer olá à Senhora Smith.

Irei sempre acreditar que a expressão de Andrea se desfez por um instante quando olhou para Maeve e para mim. Mesmo que o meu pai não tivesse mencionado os filhos, ela devia saber que eles existiam. Todos em Elkins Park sabiam o que se passava na Casa Holandesa. Talvez ela tivesse pensado que ficaríamos no andar de cima. Afinal, ela viera ver a casa, não as crianças. Ou talvez a expressão no seu rosto fosse apenas para Maeve, que, aos quinze anos e calçando ténis, era já uma cabeça mais alta do que Andrea de saltos. Maeve demonstrara inclinação para se curvar quando se tornou claro que iria ser mais alta do que todas as raparigas da sua turma e a maioria dos rapazes, e o nosso pai foi implacável na correção da sua postura. *Cabeça-erguida-ombros-para-trás* poderia ter sido o nome dela. Durante anos, batia-lhe entre as omoplatas com a palma da mão sempre que passava por ela numa sala. Como consequência não intencional, Maeve apresentava-se agora como um

soldado na corte da rainha, ou como a própria rainha. Até eu via como ela pode ter parecido intimidante: a altura, a muralha preta brilhante de cabelo, o modo como baixava os olhos a fim de observar as pessoas, em vez de dobrar o pescoço. Contudo, aos oito anos, eu ainda era confortavelmente mais baixo do que a mulher com quem o nosso pai se casaria mais tarde. Estendi a mão para apertar a pequena mão dela e disse o meu nome. Maeve fez o mesmo. Embora a recordação da história seja que Maeve e Andrea estiveram em desacordo desde o início, não é verdade. Maeve foi justa e educada quando se conheceram, e permaneceu justa e educada até já não ser possível continuar a sê-lo.

— Como está? — perguntou Maeve, e Andrea respondeu que estava muito bem.

Andrea estava bem. Claro que sim. Durante anos, o seu objetivo fora entrar na casa e enfiar o braço no do nosso pai enquanto subia os largos degraus de pedra e atravessava o terraço de tijoleira vermelha. Fora a primeira mulher que o nosso pai trouxera para casa desde que a nossa mãe partira, embora Maeve me dissesse que ele tivera um envolvimento com a nossa ama durante algum tempo, uma rapariga irlandesa chamada Fiona.

— Achas que ele dormia com a Fluffy? — perguntei-lhe. Fluffy[1] era o nome que dávamos a Fiona quando éramos crianças, em parte porque tinha dificuldade em pronunciar o nome, em parte por causa das ondas suaves de cabelo ruivo que lhe caíam pelas costas numa nuvem fascinante. A notícia desse caso chegou-me do mesmo modo que a maioria das informações: muitos anos depois, sentado num carro estacionado do lado de fora da Casa Holandesa com a minha irmã.

— Ou isso ou ela limpava o quarto dele a meio da noite — disse Maeve.

O meu pai e Fluffy em flagrante delito. Abanei a cabeça:

— Não consigo imaginar.

— Não deves tentar *imaginar*. Céus, Danny, isso é nojento. De qualquer forma, eras quase um bebé durante o governo da Fluffy. Estou surpreendida por te lembrares sequer dela.

[1] Fofo, felpudo. *(N. da T.)*

Mas Fluffy batera-me com uma colher de pau quando eu tinha quatro anos. Ainda tenho uma pequena cicatriz em forma de taco de golfe junto ao olho esquerdo — a marca de Fluffy, como Maeve lhe chamava. Fluffy alegara que estava a cozinhar uma panela de molho de maçã quando a assustei agarrando-lhe a saia. Disse que tentava afastar-me do fogão e que nunca tivera intenção de me bater, embora eu achasse que seria difícil atingir acidentalmente o rosto de uma criança com uma colher. A história mostrava-se interessante na medida em que era a minha primeira memória distinta — de outra pessoa, da Casa Holandesa ou da minha própria vida. Não tinha uma única memória da nossa mãe, mas lembrava-me da colher de Fluffy a estalar na parte lateral da minha cabeça. Recordo-me de Maeve, que estava no corredor quando eu gritei, entrar disparada na cozinha tal como os veados voavam pela sebe na parte de trás da propriedade. Ela atirou-se a Fluffy, empurrando-a contra o fogão e fazendo saltar as chamas azuis, enquanto a panela de molho de maçã a ferver caía no chão, queimando-nos com salpicos semelhantes a agulhas. Fui enviado para o consultório do médico e levei seis pontos, a mão de Maeve foi enfaixada e Fluffy foi despedida, embora me recordasse dela a chorar e a dizer o quanto estava arrependida e que se tratara apenas de um acidente. Ela não queria ir. Esse foi o outro relacionamento do nosso pai, segundo a minha irmã, que devia saber, porque se eu tinha quatro anos quando fiquei com aquela cicatriz, ela já tinha onze.

Os pais de Fluffy tinham trabalhado para os VanHoebeek, como motorista e cozinheira. Fluffy passara a infância na Casa Holandesa ou no pequeno apartamento por cima da garagem; portanto, quando o nome dela voltou a aparecer ao fim de tantos anos, tive de me perguntar para onde teria ido.

Fluffy era a única pessoa na casa que conhecera os VanHoebeeks. Nem sequer o nosso pai os tinha conhecido, embora nos sentássemos nas cadeiras deles, dormíssemos nas suas camas e tomássemos as refeições na louça de Delft que lhes pertencera. Os VanHoebeeks não eram a história, mas, em certo sentido, a casa era a história, e aquela era a casa deles. Tinham feito fortuna na distribuição por grosso de cigarros,

um negócio de sorte no qual o Sr. VanHoebeek entrara pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial. Os cigarros eram dados aos soldados em combate, com fins morais, e o hábito seguiu-os até casa para comemorar uma década de prosperidade. Os VanHoebeeks, mais ricos a cada minuto, encomendaram a construção de uma casa nos então terrenos agrícolas nos arredores de Filadélfia.

O impressionante sucesso da casa podia ser atribuído ao arquiteto, embora, quando me lembrei de procurar, não encontrasse outros exemplos do seu trabalho. Podia dar-se o caso de um ou ambos os VanHoebeeks severos terem sido algum tipo de visionários estéticos, ou que a propriedade tenha inspirado uma maravilha além do que qualquer um deles imaginara, ou ainda que a América após a Primeira Guerra Mundial estivesse repleta de artesãos que trabalhavam segundo padrões há muito abandonados. Qualquer que fosse a explicação, a casa — aquela com que ficámos mais tarde — era uma confluência singular de talento e sorte. Não consigo explicar como um edifício de três andares podia parecer ter a quantidade certa de espaço, mas parecia. Ou talvez fosse melhor dizer que era demasiada casa para qualquer pessoa, um desperdício imenso e ridículo, mas que nós nunca quisemos que fosse diferente. A Casa Holandesa, como ficou conhecida em Elkins Park, Jenkintown, Glenside e até Filadélfia, não se referia à arquitetura, mas sim aos habitantes. Tratava-se do lugar onde viviam aqueles holandeses de nome impronunciável. Vista de certas perspetivas, à distância, parecia flutuar vários centímetros acima da colina onde se localizava. As vidraças que rodeavam as portas de vidro da frente eram tão grandes como montras de lojas, sendo sustentadas por trepadeiras de ferro forjado. As janelas captavam o sol e refletiam-no sobre o amplo relvado. Talvez fosse neoclássica, com uma simplicidade de linhas que se aproximava mais do mediterrâneo ou do francês e, embora não fosse holandesa, dizia-se que as cornijas das lareiras em azul de Delft da sala de estar, da biblioteca e do quarto principal tinham sido arrancadas de um castelo em Utreque e vendidas aos VanHoebeeks para pagar as dívidas de jogo de um príncipe. A casa, completa com cornijas de lareira, fora concluída em 1922.

— Eles tiveram sete bons anos antes de os banqueiros começarem a saltar pelas janelas — disse Maeve, dando aos nossos antecessores o seu lugar na história.

Ouvi falar pela primeira vez da propriedade que fora vendida no primeiro dia em que Andrea veio à casa. Ela seguiu o nosso pai até ao vestíbulo e olhou para o relvado da frente.

— É muito vidro — comentou, como se fizesse um cálculo para ver se o vidro podia ser trocado por uma parede a sério. — Não receia que as pessoas possam espreitar?

Não só se podia espreitar para dentro da Casa Holandesa, como ver através dela. Era mais estreita no meio, e o profundo vestíbulo dava para aquilo a que chamávamos observatório, o qual tinha uma parede de janelas voltada para o jardim das traseiras. A partir do caminho de acesso, conseguia-se percorrer com o olhar os degraus da frente, o terraço, as portas, o longo piso de mármore da entrada, o observatório, e avistar o alheio ondular dos lilases no jardim por trás da casa.

O nosso pai olhou para o teto e depois para ambos os lados da porta, como se só então pensasse nisso.

— Estamos suficientemente longe da rua — respondeu. Naquela tarde de maio, o muro de tílias que percorria os limites da propriedade estava coberto de folhagem, e a inclinação do relvado verde, onde eu rebolava como um cão no verão, era profunda e larga.

— Mas à noite — continuou Andrea, com voz preocupada. — Pergunto-me se não haverá forma de pendurar cortinas.

Cortinas para tapar a vista pareceram-me não só impossíveis, como a ideia mais estúpida que já ouvira.

— Já nos viu à noite? — perguntou Maeve.

— Tem de se lembrar da terra que havia aqui quando construíram o sítio — observou o nosso pai, ignorando Maeve. — Eram mais de oitenta hectares. A propriedade ia até Melrose Park.

— Mas porque a teriam vendido? — De repente, Andrea via que a casa teria feito mais sentido se não houvesse outras casas. A vista alcançaria muito para lá da encosta do relvado, além dos canteiros de peónias e das rosas. O olhar poderia viajar sobre um amplo vale e entrar numa floresta. Assim, mesmo que à noite os VanHoebeeks, ou um dos

seus convidados, olhassem pela janela do salão de baile, a única luz que veriam seria a das estrelas. Não havia nenhuma rua naquela época, nem um bairro, embora agora tanto a rua como a casa dos Buchsbaum, do outro lado da rua, fossem visíveis no inverno, quando as folhas caíam das árvores.

— Dinheiro — disse Maeve.

— Dinheiro — repetiu o nosso pai, acenando com a cabeça. Não era uma ideia complicada. Mesmo aos oito anos, eu percebia isso.

— Mas eles estavam errados — afirmou Andrea. Havia uma rigidez em redor da sua boca. — Pense em como este lugar devia ser lindo. Deviam ter tido mais respeito, se quer saber. A casa é uma obra de arte.

E ri-me então, porque percebi pelo comentário que os VanHoebeeks a deviam ter consultado antes de venderem o terreno. O meu pai, irritado, ordenou a Maeve que me levasse para cima, como se eu me tivesse esquecido do caminho.

Cigarros prontos, enfileirados nos maços eram um luxo para os ricos, bem como os hectares nunca pisados pelos donos. Pouco a pouco, a terra foi arrancada da casa. O desaparecimento da propriedade era uma questão de conhecimento público, uma história registada em escrituras. Foram vendidas parcelas para pagar dívidas — quatro hectares, depois vinte e mais onze. Elkins Park aproximava-se cada vez mais da porta. Assim, a família VanHoebeek sobreviveu à Depressão, apenas para o Sr. VanHoebeek morrer de pneumonia em 1940. Um dos rapazes faleceu na infância, e os dois filhos mais velhos morreram na guerra. A Sra. VanHoebeek morreu em 1945, quando não havia mais nada para vender além do jardim lateral. A casa e tudo o que ela continha voltaram para o banco, do pó ao pó.

Fluffy ficou para trás, por amabilidade do Banco de Poupança e Empréstimos da Pensilvânia, e recebeu uma pequena quantia para gerir a propriedade. Os pais estavam mortos, ou talvez tivessem encontrado outro emprego. De qualquer forma, ela vivia sozinha por cima da garagem, verificando a casa todos os dias para ter certeza de que o telhado não metia água e os canos não tinham rebentado. Abriu um caminho a direito desde a garagem até às portas da frente com um cortador de relva e deixou o resto do relvado crescer selvagem. Apanhou as frutas das

árvores deixadas perto das traseiras, e fez manteiga de maçã e conservou pêssegos para o inverno. Quando o nosso pai comprou o local, em 1946, os guaxinins tinham tomado conta do salão de baile e mastigado os fios elétricos. Fluffy entrava na casa apenas quando o sol estava no zénite, a hora em que os animais noturnos dormiam profundamente. Foi um milagre não terem queimado o sítio. Os guaxinins foram capturados e eliminados, mas deixaram pulgas, e as pulgas enfiaram-se em todo o lado. Maeve disse que as suas primeiras memórias de viver na casa eram de se coçar e do modo como Fluffy pintalgava cada picada com um cotonete embebido em loção de calamina. Os meus pais contrataram-na para ser a ama da minha irmã.

A primeira vez que Maeve e eu estacionámos na Rua VanHoebeek (*Van Who-bake*, pronunciado erradamente como *Van Ho-bik* por todos em Elkins Park) foi quando voltei de Choate para as férias da Páscoa. A Primavera foi imprópria nesse ano, já que havia trinta centímetros de neve, uma piada do Dia das Mentiras para coroar um inverno rigoroso. A verdadeira primavera, coisa que eu sabia desde o primeiro semestre no colégio interno, era para os rapazes cujos pais os levavam a velejar às Bermudas.

— O que estás a fazer? — perguntei-lhe quando ela parou diante da casa dos Buchsbaum, no lado da rua oposto à Casa Holandesa.

— Quero ver uma coisa. — Maeve inclinou-se e empurrou o botão do isqueiro.

— Não há nada para ver aqui — protestei. — Segue. — Eu estava de péssimo humor por causa do tempo e por aquilo que via como sendo a desigualdade entre o que tinha e o que merecia. Ainda assim, sentia-me feliz por estar de volta a Elkins Park, feliz por estar na carrinha da minha irmã, a *Oldsmobile* azul da nossa infância que o meu pai lhe cedera quando ela arranjara o seu próprio apartamento. Como eu tinha quinze anos e era um idiota, pensava que a sensação de lar que sentia tinha que ver com o carro e com o local onde estava estacionado, em vez de o atribuir totalmente e com gratidão à minha irmã.

— Estás com pressa para ir a algum lado? — Ela sacudiu o maço para tirar um cigarro e depois colocou a mão sobre o isqueiro. Se não estivéssemos preparados para apanhar o isqueiro, ele ejetava-se com força e fazia um buraco no assento, no tapete ou na perna, onde caísse.

— Vens até aqui quando estou na escola?

Pop. Ela acendeu o cigarro:

— Não.

— Mas aqui estamos nós — disse. A neve chegou, firme e suave, enquanto a última luz do dia era engolida pelas nuvens. Maeve tinha a alma de uma motorista de camiões islandesa, nenhum clima a detinha, mas eu acabara de sair de um comboio e estava cansado e com frio. Pensara que seria bom fazer tostas de queijo e ficar de molho na banheira. Os banhos eram objeto de troças infindáveis em Choate, nunca soube porquê. Só os duches eram considerados masculinos.

Maeve encheu os pulmões de fumo, exalou e desligou o carro.

— Pensei em vir aqui algumas vezes, mas decidi esperar por ti. — Sorriu-me então, baixando a janela apenas o suficiente para deixar entrar uma vaga de ar ártico. Eu insistira para que desistisse dos cigarros antes de ir para a escola, mas depois esqueci-me de lhe dizer que também começara a fumar. Era o que fazíamos em Choate, em vez de tomarmos banho.

Estiquei o pescoço a fim de olhar para o caminho de acesso:

— Consegues vê-las?

Maeve olhou pela janela do lado do condutor:

— Não sei porquê, mas não paro de pensar na primeira vez em que ela veio à casa há um milhão de anos. Ainda te lembras?

Claro que me lembrava. Quem poderia esquecer o aparecimento de Andrea?

— E ela disse aquela coisa de recear que as pessoas pudessem espreitar pelas nossas janelas à noite?

Assim que as palavras lhe saíram, a entrada foi inundada pela cálida luz dourada do candelabro. Então, após uma pausa, as luzes por cima da escada acenderam-se e, instantes depois, também a luz do quarto principal no segundo andar. A iluminação da Casa Holandesa sincronizara-se de modo tão exato com as suas palavras que o meu coração

quase parou. Claro que Maeve *tinha* vindo até à casa sem mim. Ela sabia que Andrea acendia as luzes mal o sol se punha. Negá-lo era mera teatralidade da parte da minha irmã, e apreciei o seu esforço quando o percebi mais tarde. Fora um belo espetáculo.

— Olha para aquilo — sussurrei.

Não havia folhas nas tílias, e a neve caía, embora com pouca força. Via-se para dentro da casa, através da casa, não com pormenores, é claro, mas a memória completava a imagem. Havia a mesa redonda por baixo do candelabro, na qual Sandy deixava a correspondência do nosso pai à noite, e, por trás dela, o relógio de pêndulo. A tarefa de lhe dar corda todos os domingos depois da missa era responsabilidade minha, para que o navio sob o *6* continuasse a balançar suavemente por entre duas fileiras de ondas azuis pintadas. Eu não conseguia ver o navio nem as ondas, mas sabia. Ali estava o aparador em meia-lua encostado à parede, o vaso de cobalto com a pintura da menina e do cão, as duas cadeiras em estilo francês nas quais nunca ninguém se sentava, o espelho gigante cuja moldura me recordava os braços retorcidos de um polvo dourado. Andrea atravessou o vestíbulo como se tivesse sido planeado. Estávamos demasiado longe para lhe ver o rosto, mas reconheci-a pelo andar. Norma desceu as escadas a toda velocidade e depois parou abruptamente, porque a mãe lhe deve ter dito que não corresse. Norma estava mais alta, embora também pudesse ser Bright.

— Ela deve ter-nos observado — disse Maeve — antes de ter vindo naquela primeira vez.

— Ou talvez toda a gente nos tenha observado, todos os que passavam por esta rua no inverno. — Enfiei a mão na mala dela e tirei os cigarros.

— Isso parece um pouco autoengrandecedor — comentou Maeve. — *Toda* a gente.

— Ensinam-nos isso em Choate.

Ela riu-se. Eu conseguia perceber que não esperava rir-se, e isso deixou-me imensamente satisfeito.

— Cinco dias inteiros contigo em casa — disse ela, soprando o fumo pela janela aberta. — Os melhores cinco dias do ano.